

INTRODUÇÃO

Sua vida podia ser resumida em apenas um parágrafo de pouquíssimas linhas:

Nasceu em berço de ouro, foi criado com todos os mimos que o dinheiro podia comprar, ficou órfão aos quatorze anos, aos dezenove fora preso e condenado a cinco anos de prisão por porte de cocaína – pena que não cumpriu graças a intervenção do melhor advogado que o que restara de seu dinheiro podia pagar – e aos vinte e um mudou de nome e se mudou para os Estados Unidos a fim de lá tentar mudar sua sorte.

Claro que muitos fatos paralelos se sucederam a essa “linha da vida”, mas eram fatos que ele mesmo se encarregara de apagar de sua lembrança, fatos que nunca vieram à tona, cuja importância para si era semelhante a importância que um grão de areia tinha em todo o solo do oceano.

Mas agora ele estava de volta ao país e tentaria reorganizar sua vida. Tinha muitos planos para seu futuro financeiro e até mesmo pessoal, mas nenhum deles podia se comparar ao que o destino lhe reservara. Sim, o destino. Era assim que pensava, acreditava que sua vida inteira estava já escrita desde o dia de seu nascimento – mas também acreditava que tinha livre arbítrio e que, se assim quisesse, poderia ele mesmo escrever seu desfecho.

Podia ser um pouco contraditório, ele mesmo confessava isso, mas era como pensava. E se por acaso não pudesse de jeito algum mudar seu destino, ele acreditava que esse estava para dar uma reviravolta. E a certeza que teve sobre isso foi ao ler por acaso no jornal o anúncio da morte de Suzana de Souza Breves e o convite da família para sua missa de Sétimo Dia.

Suzana de Souza Breves... Um nome que pertencia a seu passado; um dos fatos tão importantes para ele quanto grãos de areia no oceano.

Mas naquele instante ele soube que seu destino lhe pregara uma peça. Não havia sido a toa que voltara dos Estados Unidos, ele sabia agora. A morte daquela mulher com certeza estava ligada a sua volta e tudo o que ele precisava então era reorganizar seus planos e se preparar para a espetacular reviravolta que seu destino estava dando – ou mesmo a chance que ele estava agora ganhando para traçar seu caminho.

Agora tudo seria diferente...

CAPÍTULO 01

Patrick sempre gostou de futebol, desde que era bem pequeno. Sua lembrança mais remota era de quando tinha uns dois ou três anos e o tio lhe presenteara com um uniforme completo do time do Botafogo, contrariando a vontade de sua mãe, que gostaria que ele torcesse pelo Flamengo. Ele ainda ganhara na ocasião uma bola oficial – pesada para ele naquela idade, é verdade, mas tão bonita, com o escudo daquele que se tornaria seu time do coração estampado em sua face, que ele não desgrudou dela um só minuto, e até hoje a guardava, murcha, no fundo do armário, mas com carinho.

Aquele dia ele estava com todos seus amigos no clube, jogando uma pelada, mas para ele, como todas outras, aquele jogo era especial, como uma final de campeonato. Ele se dedicava ao extremo, dava o melhor de si, pois tinha certeza de que nunca se sabia quando um olheiro de um bom time estaria observando. Certo, ele só tinha nove anos de idade, mas tinha certeza de que era de cedo que se começava uma carreira promissora no futebol.

Ele driblava um, driblava dois, passava com maestria para os amigos do mesmo time e deles recebia da mesma forma para completar a jogada. Era tão bom que a única forma de para-lo era cometendo uma falta, ou como naquele dia, um pênalti, que ele cobrou com maestria e saiu para comemorar com os companheiros de time.

E como ele comemorava! Mais que um gol, era uma realização. Pelo menos naquilo era bom. E era algo de que gostava.

Mas infelizmente nem tudo o que gostava ele podia realizar. Nos últimos meses sua vida sofreu uma reviravolta drástica e ele fazia de tudo para superar aquilo. E mesmo que tentasse se enganar, achando que uma saída justa para todo aquele tormento seria encontrada, ele sabia que os dias, ou pior, as horas estavam em contagem regressiva e que o momento fatídico da decisão, o “apito final do juiz”, estava chegando.

Só não imaginava que seria logo.

Ao avistar o seu tio Leonardo se aproximando do campinho ele sentiu um aperto no coração. Era sexta-feira a tarde e só havia um único motivo para o tio não estar trabalhando. Por isso ele soube que a hora era chegada.

E antes de o jogo terminar, Patrick abandonou o campo e foi com o tio.

O quarto estava na penumbra, com as cortinas fechadas, e uma atmosfera serena pairava sobre ele. Estava quieto e tudo o que Patrick podia escutar era a fraca respiração de sua mãe dormindo em seu leito.

Lentamente ele se aproximou e se sentou à cadeira próxima à cama. Ali ficou por um tempo, não saberia precisar quanto, apenas velando o sono da mãe. Temia que ela estivesse morta, mas se tinha uma coisa que havia aprendido em seus nove anos de vida, e principalmente nos últimos oito meses, era que os mortos não respiram, nem mesmo com

dificuldade. Por isso, a cada pausa na respiração de sua mãe, ele ficava atento, contanto os milésimos de segundo para que ela voltasse ao normal. E quando voltava, um forte alívio ele sentia na alma.

Sem que ele percebesse, Suzana abriu os olhos lentamente e viu o filho a seu lado. E fez um esforço para sorrir. – Oi gatinho... – disse com dificuldade, mas chegando a assustar Patrick. – Há quanto tempo está aí?

– Acabei de chegar.

Suzana sentiu que ele mentia, mas não quis argumentar. Apenas perguntou:

– Por que não me acordou?

– Você estava dormindo tão bem que não quis te incomodar.

– Você nunca incomoda, gatinho. – Ela tossiu um pouco. – Pegue a água, por favor...

Prontamente Patrick atendeu o pedido da mãe com um copo de água que estava sobre o criado-mudo.

– Obrigada, meu bem.

Ela devolveu o copo ao filho e acariciou seu rosto jovem.

Ele era lindo. Não porque era seu filho, mas ela o considerava uma das crianças mais bonitas que já vira em toda a vida. Tinha cabelos lisos e bem loiros, que desciam até o pescoço, e que mesmo despenteados eram bonitos e macios. Seus olhos eram de um verde profundo, com leves pingos azulados, parecendo esmeraldas. E sua pele branca parecia refletir o dourado dos pouquíssimos e finos pêlos dos braços e das pernas. Com certeza ele seria o que comumente chamam de “pedaço de mau caminho”. Ela apenas lamentava não poder estar presente.

Sim, ela sabia que em breve partiria de seu corpo físico e mesmo crendo que de onde estivesse poderia olhar e orar por Patrick, lamentava não estar mais presente em seu crescimento.

Mas de uma coisa ela tinha certeza: havia feito de tudo o que uma boa mãe poderia fazer pelo filho. E com todas as dificuldades de uma “produção independente”. E mais: quando soube de seu destino, tratou de organizar-se e preparar tudo a seu alcance para que o filho continuasse a ser criado com conforto e carinho.

Com tudo acertado, agora era hora de se despedir.

– Escute bem, Patrick... sua mãe vai embora...

Ele sabia disso, mais do que ninguém, mas não queria aceitar.

– Não! – disse assustado.

– Eu devo ir, eu tenho que ir. Deus me chama. Mas não se preocupe, querido, que sempre estarei com você, sempre, porque mãe e filho nunca se separam, nunca. Entendeu?

Sim, ele havia entendido, mas não queria aceitar. Seus olhos se umedeceram, mas ele fez força para segurar as lágrimas. Queria ser forte como sua mãe queria que ele fosse, e na frente dela não queria chorar.

Suzana continuou:

– E o que eu mais queria é que você crescesse bem, feliz, junto com quem te ama. Por isso eu quero que você vá morar com o tio Léo. Ele sempre te amou como seu próprio filho...

Patrick sabia disso, e também considera o jovem tio como seu próprio pai, mas ele não queria falar sobre isso. Em todo caso, também não queria contrariar a mãe.

– Eu te amo, querido. Me dá um beijo?

Ela fechou os olhos e Patrick aproveitou para enxugar as lágrimas. Depois beijou sua testa levemente, para não incomodá-la, e sentiu um arrepio. Suzana suspirou e ele soube naquele instante que estava sozinho.

Ao sair do quarto, ele deparou-se com o tio e sua namorada, Carla, ambos preocupados e até aflitos, ávidos por uma palavra dele, que estava bem sério e um tanto desnorteado.

Como se ele não falasse nada, Leonardo adiantou-se:

– Ela...?

Patrick entendeu a pergunta sem que o tio precisasse completá-la e apenas fez que sim com a cabeça.

– Ai, meu Deus, Suzana! – balbuciou Carla, levando a mão a boca e deixando todas as lágrimas escorrerem por seu rosto ao ir com a enfermeira que tratava de Suzana em casa verificar a veracidade da informação levada por Patrick.

O menino apenas abraçou forte o tio, que o beijou na cabeça e também deixou as lágrimas caírem. Mas Patrick estava firme e prometera a si mesmo que seria forte por todos, por isso não deveria chorar. Era como um dever, uma última obrigação que tinha para com sua mãe.

CAPÍTULO 02

Suzana de Souza Breves foi enterrada no jazigo de sua família no cemitério Jardim da Saudade, num sábado de muito sol em pleno inverno carioca. Muitos amigos e os poucos familiares compareceram ao velório e tiveram que dividir o espaço com alguns repórteres e fotógrafos curiosos e ávidos por contar o triste desfecho daquela jovem e já bem sucedida publicitária que sucumbira à leucemia aos 28 anos.

Mas a maioria das atenções sem dúvida estava centrada no menino sério e bem arrumado com uma blusa pólo azul marinho e calça de linho branca (atendendo aos pedidos da irmã, Leonardo procurou não deixar nenhum familiar vestir o tradicional preto do luto – Suzana era uma pessoa alegre, jovial, e em nenhum momento concordara com a tristeza do preto em enterros, ainda mais que ela acreditava que aquilo não era um fim, portanto não era motivos para tristezas). Patrick estava sentado de frente para o caixão, o olhar fixo e um tanto perdido no corpo inerte da mãe, cujo rosto sereno e maquiado dava a impressão de que estava apenas dormindo. Mas ele sabia que isso não era verdade, que nunca mais a veria, mesmo depois da promessa que ela lhe fizera sobre mães e filhos nunca se separarem. Ele agora estava sozinho, mas mesmo triste e arrasado, ele não derramaria uma só lágrima; sua mãe não precisava disso.

– Patrick, querido, o caixão vai ser fechado. Quer dar um último adeus a sua mãe? – perguntou-lhe Carla, o tom de voz visivelmente triste mas que tentava passar-lhe algum conforto.

O menino a encarou e por um instante meditou se ela um dia poderia tomar o lugar de sua mãe em seu coração. Ele sabia que Carla nunca iria ser sua mãe e que mesmo agora ele indo morar com ela e o tio no novo apartamento deles, seria difícil um dia chamá-la de mãe, pois sua mãe estava ali, naquele caixão, muito embora sentisse que se espírito estava ao seu lado, abraçando-o.

– Vamos? – insistiu Carla com um sorriso, oferecendo-lhe a mão.

Ele apenas deu a mão a ela e os olhos de todos o acompanharam até o caixão, que por estar à sua altura, lhe proporcionou não precisar abaixar-se para beijar a fria testa da mãe e acariciar seus cabelos, ou o que restara deles.

Leonardo se juntou à eles e num abraço forte os três oraram o Pai Nosso acompanhados dos outros presentes antes que o caixão fosse fechado. Ele olhou para o sobrinho, que também era seu afilhado, e meditou: eram agora uma única família, tinham apenas um ao outro, e não podia se afastar.

No final daquela tarde, Leonardo fôra com Patrick buscar o resto de suas coisas em casa. O menino sabia que aquele não seria nunca mais o seu lar, que antes havia sido de seus avós; um lugar onde ele crescera, fôra educado e onde chegara a achar que o mundo

era perfeito, apesar de tudo. Mas a redoma em que ele se via agora estava quebrada e ele sentiu que não pertencia mais àquele lugar; ou a qualquer outro.

Todavia, ele precisava ir para algum lugar, e esse lugar era o novo apartamento de seu tio.

Quando lá chegaram, Carla os recebeu com alegria:

– Que bom que chegou, Patrick! É ótimo ter você aqui conosco.

– Obrigado.

Ela lhe abraçou e lhe deu um beijo, mas não sentiu no menino a mesma alegria que ela. Em todo caso, apenas disse:

– Agora aqui também é a sua casa. Sinta-se a vontade, está bem?

– Onde é meu quarto? – foi tudo o que ele limitou-se a dizer.

Carla encarou Leonardo com certa preocupação, mas voltou a sorrir para o menino. – Vem comigo. Seu tio leva as malas depois. Deixa que eu carregue sua mochila.

Ela ia pegando a mochila nas costas do garoto, quando ele esquivou-se.

– Não! – exclamou Patrick, e como percebesse que havia se expressado mal, mudou o tom de voz. – Não precisa.

– Tudo bem.

Mas era óbvio que não estava. Em todo o caso, era preciso dar um desconto ao menino, e a ela também. Aquilo era uma situação nova para ambos, e também para Leonardo, e todos precisariam com certeza de algum tempo para se acostumarem.

Carla o acompanhou até o quarto que ela e Leonardo haviam mobiliado pensando nele, com uma cama grande, como ele gostava, TV à cabo, videogame, uma escrivaninha e todo o espaço no armário que ele precisasse. Era mais ou menos como o seu quarto na sua casa e ele pensou que aquilo foi arrumado daquela maneira propositadamente para que ele sentisse maior conforto e sua adaptação fosse facilitada. E realmente havia sido.

– Posso ficar sozinho um pouco? – ele pediu a Carla.

– Claro, qualquer coisa é só chamar.

Ela beijou o menino na cabeça e saiu do quarto, encostando a porta.

Patrick ficou em pé ali durante alguns segundos, apenas respirando pausadamente. Depois, como se ficasse cansado, sentou-se na cama. Pensou em dormir, mas não tinha sono. Abriu a mochila e de lá tirou um porta retratos com a foto dele abraçada com a mãe no clube, uma última foto tirada antes que ela adoecesse. Estava linda, os cabelos castanhos e finos delineando seu rosto e os belos olhos verdes escondidos pelos óculos escuros. Lembrou-se daquele dia, era o aniversário dela e haviam ido com Leonardo e Carla comemorar com um almoço no clube e mais tarde na pista de patinação no gelo.

Foi um dia feliz. Um dia que não voltaria mais...

Aquela noite Carla e Leonardo tiveram uma conversa séria.

– Não sei se foi uma boa idéia ele ter vindo para cá – revelou Carla sua opinião.

Leonardo, que já estava quase dormindo, pôs-se em alerta. – Como?!

– O Patrick. Eu não sei se...

– Eu ouvi isso, Carla – interrompeu-a Leonardo, o tom de voz consternado. – O que eu não entendi é por quê está dizendo essa besteira.

Por um breve instante Carla desejou nunca ter comentado aquilo, mas agora era tarde para arrependimentos. – É que acabamos de nos mudar – disse por fim – estamos morando juntos há menos de um mês, e já temos um garoto de nove anos morando com a gente!

– Fala baixo!

Carla realmente havia aumentado o tom de voz, mas não a ponto de Leonardo ter tido de levantar e ido fechar a porta do quarto, como ele fez. Ao voltar para a cama, ele disse:

– Pelo amor de Deus, o que que é isso que você está dizendo?! Ele é apenas uma criança que acabou de perder a mãe! Não tem mais ninguém no mundo, além de mim e de você. E agora você quer lhe dar as costas?

– Não é isso. Eu adoro o Patrick e adorava a Suzana, você sabe disso. É que estou me sentindo sem privacidade!

– Sem privacidade?! Que besteira!

Realmente ele havia se irritado com ela e agora sim a ponto – segundo ela mesmo admitiria – de virar as costas para ela e deitar-se indignado. Mas em seu íntimo, Carla sabia que estava certa, mas não queria contrariar a vontade daquele que amava. Sabia que ele estava sofrendo e que uma discussão em nada adiantaria.

– Desculpa – pediu-lhe Carla.

– Tudo bem.

– Não, é sério, eu me exaltei.

– Eu também me exaltei.

Ambos estavam cansados, aquele estava sendo um fim-de-semana incomum para ambos. Por isso foi bem fácil selarem a paz com um beijo.

– Claro que eu não vou virar as costas para o menino agora – disse Carla. – Seria uma maldade mandá-lo para uma instituição qualquer, ainda mais que ele ainda tem família; tem a nós. Mas estamos esquecendo uma coisa:

– O quê?

– O testamento.

Leonardo havia se esquecido completamente desse assunto, e não estava preparado para lidar com ele agora. – Eu não quero falar sobre isso – disse com firmeza. – E novamente ele deu-lhe as costas. *O que ela está pensando? Que vou colocar olho grande nos bens de minha irmã, ainda mais hoje, quando ela acabou de ser enterrada?!*

– Mas não podemos deixar isso de lado – afirmou Carla, firme com suas palavras. – Suzana tinha uma fazenda de gado em Minas, que seu pai deixou para ela, além de cinquenta por cento de toda a sua agência de publicidade. Por mais que doa, a gente tem que falar sobre isso.

Ela tem razão, pensou Leonardo. Era do interesse do menino que eles resolvessem isso logo. Mas não seria agora.

– Amanhã conversamos sobre isso. Boa noite.

Não havia mais coisa alguma que pudesse dizer para argumentar com Leonardo. Era melhor mesmo tentar dormir, pois certamente aquele dia seguinte e os dias que se seguiriam seriam muito tensos e até mesmo confusos.

– Boa noite.

CAPÍTULO 03

João Nabuco de Oliveira se formou em direito aos vinte e dois anos de idade e agora, aos vinte e nove, caso não fosse humilde o suficiente, podia se vangloriar de uma carreira de sucesso. Era um dos advogados de vara familiar mais solicitados em todo o estado do Rio de Janeiro e até mesmo já havia atendido a clientes em São Paulo e no Paraná. Não era um ramo da advocacia que lhe dava muito dinheiro, é verdade, mas o prestígio que recebia perante seus colegas, seus clientes e até mesmo a mídia, que já o acompanhara num famoso caso de divórcio de um casal de atores – e posteriormente na briga pela guarda dos filhos pequenos – era o suficiente para lhe abrir cada vez mais portas. Era aquilo que ele gostava, e era aquilo que ele sempre sonhou em fazer.

Entretanto nada no mundo era perfeito, e ele também tinha que realizar certos trabalhos que considerava extremamente insatisfatórios. Um desses trabalhos era o de ser testemunha e conselheiro em testamentos. Ele se sentia estranho, era como se tivesse parte ou mesmo culpa na morte de seus clientes, como se pudesse até prever o seu drástico futuro. Por isso, quando sua amiga Suzana de Souza Breves lhe chamou para que assinasse e promulgasse seu testamento, logo após ela saber de sua terminal doença, ele pensou em indicar um colega, que mesmo se importando tanto quanto ele a respeito de testamentos, seria pelo menos uma pessoa imparcial.

Mas Suzana o queria – o que em outros tempos podia até significar algo bom, algo mágico, já que ele sempre teve por ela uma paixão não correspondida – e ele tinha que atendê-la.

Agora, passados seis meses da assinatura daquele testamento, era chegada a hora de colocar seu conteúdo sob conhecimento das pessoas mais interessadas. Por isso ligou para Leonardo Breves na manhã de segunda-feira e lhe informou sobre a importância e até certa urgência de se ler o testamento.

– Mas eu já discuti isso com minha mulher e concordamos em não falar nisso até depois da missa de sétimo dia – disse Leonardo a ele pelo telefone.

– Eu sei disso, Leonardo. Mas pense bem: o maior beneficiado é o seu sobrinho; não podemos ficar adiando isso por muito tempo.

– É claro que eu sei que Patrick deve ser o maior beneficiado, e sei como você deve estar com pressa em acabar logo com isso, mas, por favor, respeite a dor de minha família!

Era inútil tentar discutir e achar um argumento plausível, por isso João concordou em esperar mais alguns dias. – Quando é a missa? – perguntou.

– Quinta-feira, na Igreja São José da Lagoa.

– Ótimo... – e como se percebesse que havia se pronunciado mal, ele reiterou: – Quer dizer, claro. Então podemos marcar para sexta, às dez horas, na sua casa?

- *Claro, está bem.*
- Nos vemos na missa, então.
- *Ok, um abraço.*

Às dezessete horas daquela quinta-feira a Igreja São José da Lagoa estava apinhada de pessoas, entre familiares, amigos, curiosos e novamente a gente da imprensa, interessadas em divulgar para todo o país o sofrimento daquela família, em especial do menino de nove anos que perdia a mãe.

Mas de todos os que ali estavam, alguém em especial fazia de tudo para não aparecer, não obstante sutilmente observasse de longe o órfão que visivelmente se esforçava para não deixar uma só lágrima derramar. Por um instante ele chegou a se orgulhar: o menino era bonito como a mãe, e até mesmo como o pai, e demonstrava-se um perfeito auto-controle para alguém da sua idade.

Sim, aquele era sem dúvida seu filho. O filho que outrora negara mas que agora estava disposto conquistar e sua guarda obter. Era essa a sua missão, era para isso que havia retornado, sem dúvida. E não podia mais perder tempo, muito mesmo porque sabia os frutos que essa aproximação lhe geraria.

Eram dez e meia da manhã daquela sexta-feira e Leonardo já estava impaciente. Aquela fatídica tarefa de ler o testamento já estava dando nos nervos – e nem havia ainda começado. *Ainda bem que Patrick está no clube com os amigos*, ele pensou. E tinha razão: para o garoto, embora ele legalmente fosse o maior interessado naquilo, as formalidades e burocracias da leitura do testamento apenas lhe entediariam mais. – Mas por quê não podemos começar logo e acabar com isso de uma vez?! – enervou-se

– Eu já disse: estamos esperando uma outra pessoa – respondeu João, com toda a sua calma. – Ela me ligou ontem a noite e pediu para esperá-la, já que seu nome pode estar citado no testamento.

Uma outra pessoa... Quem afinal ela poderia ser? Mulher? Homem? Pelo que Leonardo sabia sua irmã era muito generosa sim, mas seus pais já estavam mortos e nenhum tio ou primo manifestou-se ou se mostrou interessado na herança de Suzana.

– Mas ela, quem quer que seja, já está atrasada meia hora! – afirmou Carla, já tomando as dores do amado.

João olhou o relógio e já ia dizer algo quando a campainha tocou. Sem perder tempo, ele foi abrir a porta da sala.

Finalmente o suspense acabaria!

Mas não as surpresas...

Leonardo pensou que nunca mais veria aquele rosto em sua vida, quanto mais tão perto de si, ou pior: dentro de sua casa. Por isso a explosão foi eminente:

– Kevin?! O que diabos está fazendo aqui?

– Meu filho ficou órfão de mãe – disse calmamente o homem loiro, alto e bem vestido que entrava no apartamento. – Vim saber de seus interesses.

– Não tem nada da sua conta aqui! Você não tem nada a ver com os interesses do meu afilhado!

Carla sentiu que devia intervir. Nunca havia visto aquele tão pouco desejado visitante em sua vida, mas soube exatamente quem era quando Leonardo o chamou pelo nome. Não obstante a repulsa que sentia por ele, sem mesmo o conhecer pessoalmente, ela sabia que a ignorância devia ser evitada, ainda mais para que aquilo tudo logo terminasse. Por isso segurou Leonardo pelo braço e o forçou a se sentar.

João conduziu Kevin até uma cadeira em frente a Leonardo e foi se sentar à cabeceira da mesa de jantar, onde abriu sua maleta e de lá tirou o envelope lacrado que continha o testamento de Suzana.

– Bem, podemos começar – avisou o advogado, que pôs-se a ler o testamento de Suzana de Souza Breves:

"Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1998:

"Eu, Suzana de Souza Breves, em perfeito estado mental, embora atingida por minha doença corporalmente, venho por meio deste e de meu advogado, e amigo da família, João Nabuco de Oliveira, entregar meus bens para aqueles citados aqui.

"Como é do entender de todos que me conhecem, pertenço em meu nome uma fazenda de gado que herdei de meu falecido pai, com quem, juntamente com minha mãe, espero estar no momento em que este documento estiver sendo lido. Também pertenço uma casa no bairro do Jardim Botânico, um carro esporte, título do Clube Esportivo Nacional, e cinquenta por cento de todos os lucros e prejuízos da Propaganda Pouca é Bobagem S.A., cuja outra metade pertence ao meu querido irmão, Leonardo de Souza Breves.

"Para meu querido e amado filho, Patrick, deixo minha fazenda, assim como tudo o que tem nela, além do Título do clube, o qual deve ser transferido para o seu nome assim que obtiver a maior idade, de acordo com a lei do departamento. Claro que a fazenda não pode ser administrada por uma criança, por isso deixo que meu irmão organize e administre a fazenda em meu nome, até que Patrick tenha a idade suficiente para poder fazê-lo.

"Para meu querido e não menos amado irmão Leonardo, deixo toda a minha parte na agência de publicidade, de modo que tenha o sucesso que sempre tivemos até a data aqui mencionada. Mas deverá, por respeito e amor a mim, cuidar para que Patrick receba todos os benefícios que conseguimos juntos.

"Minha casa, assim como meu carro, minhas roupas e minhas jóias, com exceção da jóia de minha mãe, eu doo para instituições de caridade. Para tanto devem ser leiloados. Os colares e os brincos de minha mãe deixo para meu irmão também, para que dê a sua futura esposa – que espero de todo o coração ser Carla da Cunha.

"Meu último desejo é que meu irmão Leonardo fique com Patrick, criando-o como seu próprio filho, cuidando para que cresça bem e se torne um adulto respeitável na sociedade. Para isso deverá quando possível adota-lo como seu filho, e Patrick herdar dele os seus bens, dividindo-os com os irmãos que há de ganhar.

"Lembrando agora que Patrick nunca conheceu o pai, não por sua vontade, mas por minha, reconheço que se for de sua vontade, ele deverá fazê-lo, e Leonardo deverá compreender sua decisão e ajudá-lo com tudo o que for preciso.

"Termino aqui todas as minhas vontades e espero que se façam obedecidas.

"Com amor,

“Suzana de Souza Breves.”

Durante toda a leitura, enquanto Carla tentava em vão segurar suas lágrimas, Leonardo e Kevin trocaram olhares firmes, pareciam metralhar um ao outro, mas era visível que Leonardo se sentia o mais ameaçado ali, enquanto que Kevin o mais opressor, e isso se enfatizou a medida que João ia lendo as linhas escritas por Suzana.

– Bem, como vê, é do desejo de sua irmã que eu conheça o meu filho – falou Kevin um tanto orgulhoso.

– Você deve estar bêbado! – exclamou Leonardo. – Ela disse “se o garoto quiser”, e eu tenho certeza de que ele não quer porque eu sempre fui o pai que ele conheceu.

– Senhores! – interveio João. – Por favor!

Mas os outros dois não deram ouvidos ao advogado.

– Você?! Um fedelho que tinha quinze anos quando ele nasceu?

– Dezesseis.

– Ainda um fedelho.

– Mas um fedelho com mais capacidade que ser pai do que você. E se está querendo me insultar em minha própria casa eu te convido a se retirar agora mesmo e continuar essa discussão no tribunal.

Kevin soltou um risinho cínico sem se intimidar com austeridade e ferocidade das palavras de Leonardo, que se levantara ameaçadoramente. – Se é assim que deseja...

Dito isso ele se levantou com a mesma calma com que havia chegado e retirou-se, deixando um consternado Leonardo para trás.

CAPÍTULO 04

Leonardo de Souza Breves e Carla Cunha nunca estiveram dentro de um tribunal e tudo aquilo para eles era demasiadamente incômodo. Já Kevin passara por alguns tribunais, mas nenhum de vara familiar, e por isso mesmo aquilo podia ser incômodo para ele, não fosse a sua certeza de que sairia vitorioso.

– ...E tendo examinado e re-examinado os anseios de ambas as partes, assim como o próprio testamento de Suzana de Souza Breves, com o qual ficamos sabendo de sua vontade, cheguei a decisão de que o menor em questão, Patrick de Souza Breves, agora com nove anos, deverá permanecer em custódia de seu atual tutor, tio e padrinho, Leonardo de Souza Breves, até que a justiça lhe conceda o direito de adotar o menino como seu filho legítimo – disse o juiz Paulo de Alcântara, um homem na casa dos cinquenta anos, distinto e firme em suas decisões como um bom profissional da sua área deveria ser.

Leonardo e Carla chegaram a se abraçar em comemoração a aparente decisão do juiz a seu favor, e até mesmo João sentiu que aquela tensão toda chegara ao fim. Kevin e seu advogado, Marcelo Arruda – um sujeito um tanto mesquinho que levava a sua profissão tão a sério quanto uma piada de salão – conferenciaram rapidamente, o cliente preocupado, mas nem por isso aparentando medo. Depois o advogado virou-se para o juiz:

– Meritíssimo, em nome de meu cliente, eu apelo da sua decisão...

– Eu ainda não terminei – interrompeu-o o Dr. Alcântara, o que preocupou João e seus amigos e clientes. – Relembrando que o interesse da criança é o que mais conta neste tribunal, e tendo o testemunho da senhorita Carla Cunha, da psicóloga, e de outras não ligadas ao caso, que disseram que poderia ser prejudicial a criança conhecer o pai depois de 9 anos, além da palavra de Kevin Lenitz, que disse não ter tido oportunidade de conhecer o filho outrora, eu dou o direito ao senhor Lenitz de conhecer o filho e reconhecê-lo oficialmente no devido tempo.

Um mundo de indignação despencou sobre os ombros de Leonardo e Carla enquanto que Kevin comemorou apenas com um punho cerrado e um sutil sorriso de orgulho, dispensando o cumprimento de Marcelo.

– As visitas deverão ser realizadas de quinze em quinze dias, a partir do próximo sábado, e monitoradas por uma psicóloga a ser nomeada pelo tribunal.

– Eu simplesmente não acredito nisso! – manifestou Leonardo toda sua indignação.

– Leonardo, acalme-se – pediu João.

– Como eu posso me acalmar sabendo que esse calhorda vai se aproximar de meu afilhado!

O Dr. Alcântara bateu com seu martelo na mesa e fez-se o silêncio. Depois disse:

– Dr. Nabuco, eu sugiro que acalme os ânimos de seu cliente.

– Desculpe Meritíssimo – disse João, lançando um olhar firme sobre Leonardo.

– Desculpe Meritíssimo – pediu Leonardo, já aparentando mais calma – eu só não achei a decisão justa.

– Está querendo questionar a minha autoridade legal em meu tribunal? – argüiu severamente o Dr. Alcântara.

– Não, desculpe.

– Anime-se, garoto – disse Kevin num tom provocante. – Você vai poder visitar o menino depois que ele for morar comigo.

Leonardo, embora quisesse muito, não respondeu à provocação.

O juiz lançou um olhar austero sobre Kevin e afirmou:

– Eu devo lembrar-lhe, Sr. Lenitz, que a decisão desse tribunal é provisória, temporária, e minha decisão final dependerá exclusivamente do parecer da psicóloga. Caso houver qualquer deslize, qualquer falha por parte do senhor enquanto estiver com o menino, minha decisão será facilmente revertida a favor do Sr. Breves. Estamos entendidos?

Kevin fez que sim, mas nada acuado.

– Pois bem, sessão encerrada.

– Não isso não ‘tá certo! – dizia Leonardo quando saía do fórum, sempre de mãos dadas a Carla.

– Pelo amor de Deus, quer me escutar?! – insistia João que vinha logo atrás.

Leonardo parou e encarou o amigo.

– Não adianta ficar desse jeito, porque você não vai poder acatar uma ordem judicial. Temos é que esperar o laudo dos psicólogos que vão acompanhar o menino.

– E enquanto isso eu fico embranquecendo os cabelos preocupado com meu filho na companhia daquele calhorda.

– Ele não é seu filho; não ainda.

Pausa. Ambos se encararam firme e João quase arrependido de ter dito aquilo.

– Não, ele não é meu filho – disse Leonardo. – Ainda.

– E tem mais: você só vai conseguir a custódia definitiva do menino quando for comprovado que você e Carla são responsáveis o suficiente. Caso o contrário, ou se acontecer algo grave com você ou ela, o menino vai poder passar para a custódia do pai, que poderá reconhecê-lo oficialmente.

Era tudo o que Leonardo não queria escutar, ou mesmo saber.

– E nós não vamos querer irritar o juiz, não é?

Não, ninguém queria. Mas João tinha que reconhecer: aquela era uma situação difícil para Leonardo, e mais que um advogado, um amigo ele precisaria para enfrentar tudo aquilo.

Para Patrick, um pai nunca lhe fez falta. Tinha seu tio, que era bastante jovem, mas que sempre estava lá para ele. Claro, ele via as outras crianças, seus amigos, falando sobre seus pais, orgulhando-se deles com todas as letras, indo ao parque com eles, tomar sorvete e patinar, mas aquele nome “pai” nada ou quase nada significava para ele. Em sua certidão de nascimento constava como desconhecido e para ele não fazia a menor diferença. Era feliz com sua mãe e com seu padrinho, nada lhe faltava, nada material e muito menos sentimental.

Agora tudo estava mudando. E quando soube pelo tio e por Carla que ele tinha um pai, que ele existia e que era vontade de sua mãe que ele o conhecesse, trancou-se no quarto por cerca de meia hora e lá ficou pensando em como aquilo tudo parecia absurdo, em como sua vida poderia se transformar dali para frente.

Quando saiu do quarto, estava decidido:

– Se minha mãe queria, eu aceito conhecer meu pai.

E um encontro oficial fora agendando dois dias depois, num sábado, com Kevin e a psicóloga indicada pelo tribunal.

Na noite que antecedia o dia do encontro, Patrick quase não dormiu, imaginando como seria aquele dia, como seria seu pai, e principalmente imaginando se gostaria dele – e vice-versa.

Era assustador sim, e agora achava que não estava preparado para isso, não queria mais conhecer aquele sujeito que se dizia seu pai. Não importava o que havia dito sua mãe ou o que ele mesmo havia decidido, ele simplesmente não queria mais conhecer seu pai, não queria sequer saber que ele existia. Infelizmente, porém, era tarde demais para isso...

– Eu preciso mesmo ir? – perguntou a Carla enquanto ela ajustava sua gola na camisa pólo.

Carla lançou um olhar para Leonardo, um olhar que pedia ajuda naquela resposta e depois voltou-se com um sorriso para Patrick. – Sim, querido, é preciso – disse.

– Mas eu não quero.

– Você mesmo disse quer queria, que era vontade de sua mãe!

– Eu sei, mas eu mudei de idéia.

– Agora é um pouco tarde para isso, gatinho. Já está tudo combinado com o juiz, com a psicóloga...

Carla sentia que ele estava com medo e por isso mesmo soube que tinha que ser firme com ele. Ela entendia seus sentimentos, a confusão que deveria estar dentro de sua cabeça, mas sobretudo entendia que aquilo era coisa de criança e que quando conhecesse pessoalmente seu pai, aquilo tudo poderia sumir e que ele seria muito feliz.

– Mas eu não quero mesmo ir. – Virou-se para o tio. – Eu não quero, Léo, não posso.

Leonardo, que estava pensativo, preocupado e ansioso, quase tomou as dores do afilhado, mas sabia que tinha que ser firme, mesmo porque aquilo era uma decisão judicial. Claro, ele podia apelar agora que Patrick revelava sua vontade, seu receio, mas mesmo assim ele sabia que aquilo podia não passar apenas de medo de criança mesmo, e que novamente o garoto poderia mudar de idéia. Era melhor mesmo acabar com aquilo de uma vez.

– Eu não posso fazer nada agora, Patrick .O juiz disse que seu pai tem o direito de conhece-lo.

– Mas e se eu não quisesse?

Carla e Leonardo se entreolharam e tiveram o mesmo pensamento, mas ambos sabiam que agora era tarde para aquilo.

– É para seu bem, gatinho – garantiu Carla a Patrick. – Seu pai quer te conhecer e isso é ótimo!

– Então por quê ele não me procurou antes?

Sim, por quê? Segundo o advogado de Kevin, seu cliente não tivera oportunidade. Mas todos sabiam que aquilo era mentira. Todos, menos Patrick.

– Ele deve ter tido um bom motivo – foi o que limitou-se Leonardo a dizer.

– É, de repente ele achou que você estava muito bem com sua mãe e com seu tio Léo que achou melhor que ficasse com eles até que você precisasse dele – disse Carla.

– Pode ser, mas...

A campanha da casa o interrompeu e agora seu coração disparou. Era chegada a hora de ficar cara-a-cara com um completo desconhecido a quem ele deveria chamar de pai.

Leonardo respirou fundo e foi abrir a porta enquanto que Patrick apenas pôs-se estático ao lado de Carla.

Kevin estava lá, bem vestido, firme, e um confiante sorriso no rosto, uma confiança que não agradou em nada Leonardo.

– Bem, onde está ele? – perguntou Kevin.

Leonardo saiu de seu campo de visão e Kevin pôde ver Patrick e vice-versa. E outras ocasiões podia-se esperar um momento mágico, de lágrimas e sorrisos, mas ao invés disso houve apenas uma troca de olhares entre pai e filho, ambos sondando-se, buscando semelhanças entre si.

– Oi garoto – disse Kevin, por fim, estendendo a mão para Patrick.

Patrick respirou fundo e apertou a mão de seu pai; firme, para não demonstrar medo.

– Isso é para você.

Kevin lhe entregou um embrulho que trazia escondido às costas e Patrick viu que ganhara uma nova bola de futebol, de couro, profissional.

– Gostou?

– Sim, obrigado – disse secamente o menino, embora um tanto satisfeito com o presente.

Kevin não se intimidou e ainda abraçou o garoto, que estava claramente incomodado com aquela situação. Depois virou-se para Leonardo. – Bem, nós já vamos – disse.

– São dez horas. Traga-o as cinco.

– Claro.

– E a psicóloga? – lembrou Carla.

– Esperando lá embaixo. – Virou-se para Patrick – Vamos?

Patrick olhou para o tio, procurando uma ajuda. Mas foi inútil.

– Pode ir – disse Leonardo a ele. – Vou ficar esperando.

– Vai lá gatinho – disse Carla antes de beijá-lo no rosto. – E não esqueça o casaco, está frio lá fora.

Não havia mesmo escapatória, ele precisava ir. Precisava ser corajoso.

– Tchau – disse aos tios.

Kevin atrevidamente piscou um olho para o casal e conduziu o garoto para fora de casa.

CAPÍTULO 05

Patrick não quis levar a bola nova. Embora morto de vontade de estreá-la e mostrá-la aos amigos – *Henrique vai morrer de inveja!* pensou – ele simplesmente não estava a fim de jogar. Aquela era uma situação nova e ele devia explorá-la ao máximo para aprender logo a conviver com ela, com essa nova realidade; a realidade de que tinha um pai. E a estranha realidade, entretanto, de que esse pai vinha acompanhado de uma presença feminina que se mantinha à certa distância, sempre anotando alguma coisa em seu caderno.

– Quem é aquela que fica seguindo a gente? – perguntou o menino ao pai.

– É uma psicóloga – respondeu Kevin, com desdenho no tom de voz. – O juiz acha que ela deve acompanhar a gente por enquanto.

– Ah...

Mas em breve ele não vai mais achar isso, pensou o homem, visivelmente irritado com aquela mulher magra de óculos largos. Era até bonita e não fosse a situação já teria flertado com ela. Em todo o caso, ela também deveria ser afastada caso quisesse realmente ter uma conversa séria com o seu filho. Mas o momento era para representar e isso ele sabia fazer bem.

– Está bom isso aí? – perguntou ao garoto sobre a pipoca doce que comia com leite condensado enquanto passeavam pelo Jardim Botânico.

– Aham. Você quer um pouco?

– Não, obrigado. Me diga uma coisa, Patrick: você vivia bem com sua mãe, quero dizer, vocês se davam bem?

Patrick ficou um instante calado antes de responder que sim.

Visivelmente o garoto ficara abalado com a pergunta – lembrar de sua mãe naquele passeio não estava em seus planos, muito embora achasse que o pai pudesse tocar no assunto.

– Vai, desculpa, eu não queria fazê-lo lembrar dela...

– Tudo bem...

Mas não estava, Kevin sabia. E a psicóloga sabia, esse era o pior. Era melhor mesmo mudar de assunto.

– E seu tio? – perguntou.

– O Léo? Ele é gente fina. Eu gosto dele. É meu padrinho também. Ele sempre gostou de mim como se eu fosse filho dele; e até que é legal, porque eu apresento as vezes ele como sendo meu pai, e todo mundo se espanta porque ele só tem 25 anos.

– Mas eu sou seu pai e tenho vinte e nove anos; também sou jovem!

O tom de voz de Kevin expressava uma certa ira e inveja.

– Mas eu não conhecia você.

A sinceridade nas palavras de Patrick eram eminentes e Kevin chegou a ficar tocado por elas. E por um breve instante chegou a se arrepender de ter partido tão logo soube da gravidez de Suzana e perdido todos aqueles anos em que poderia ter acompanhado o crescimento do garoto e evitar até certo ponto o seu sofrimento. Mas esse instante fora bem breve...

– Vem, vamos andar – chamou o menino.

E foram, sempre acompanhados pela psicóloga.

Patrick chegara exausto aquela tarde em casa, mas nada que o impedisse de relatar aos tios sobre seu encontro com o pai durante o jantar – um lanche vespertino na verdade a base de omeletes e refrigerante. Falou sobre o passeio pelo shopping de manhã, sobre o almoço numa lanchonete, sobre o Jardim Botânico... Estava claramente um tanto excitado com tudo aquilo, como qualquer criança de sua idade (ou de qualquer outra idade que conhecesse o pai), mas estranhamente não falava tudo o que esperava-se que ele falasse, limitando-se a responder quase monossilabicamente as perguntas curiosas e até mesmo preocupadas de Leonardo e Carla.

Eram pouco mais das nove da noite quando Patrick dormiu assistindo TV. Leonardo o levou no colo até seu quarto e o aconchegou na cama. Apesar do peso, ele ainda era o seu pequeno Patrick, e ele faria de tudo para protegê-lo e, no mínimo, lhe garantir uma boa noite de sono. Depois foi se juntar a Carla, na suíte do casal.

– Ele apagou mesmo – comentou com a mulher.

– É, foi um dia cheio para ele.

– Eu sei...

– Coitado... É muita emoção para um garoto tão pequeno. Perder a mãe e conhecer o pai depois de nove anos...

Leonardo sabia disso, e por isso mesmo se preocupava.

– O que foi? – perguntou-lhe Carla, percebendo sua leve angústia.

– É essa história do Kevin querer a custódia do filho depois de tantos anos... Isso não entra na minha cabeça! O que afinal ele quer?!

– De repente ele se sentiu na responsabilidade de acudir o filho depois da morte da mãe...

– Não... Isso é muito pouco provável. Ele nunca foi disso.

– As pessoas mudam.

– Não o Kevin – afirmou Leonardo com toda a certeza do mundo. – Não ele... Tem outra coisa no ar...

– Acho que sei o que é.

– O quê?

– Você se esqueceu do testamento.

– O que isso tem a ver?

– Ora, o menino herdou uma fazenda inteira, além de um título num dos melhores clubes da cidade.

– O título do clube está no nome do menino e é intransferível. Além do que Kevin tem o suficiente para comprar o título em qualquer clube que queira.

– E a fazenda? Tem gado lá, dá dinheiro.

O dinheiro que, aliás, bancou a promissora agência de Leonardo e sua irmã.

– Kevin nunca se interessou por vida de campo – garantiu Leonardo. – Nunca quis conhecer a fazenda enquanto namorava Suzana.

– Como eu disse, as pessoas mudam.

É, as pessoas mudam. Mas seria esse o caso de Kevin? Essa pergunta coaria o resto daquela noite na mente de Leonardo.

Aquela noite Kevin também teve o que conversar, mas não sobre o encontro com o filho, e sim sobre os reais motivos pelos quais ele resolveu procurar o garoto e brigar por sua custódia.

Estava em seu apartamento, para o qual praticamente acabara de se mudar, e com ele estavam seu advogado, Marcelo Arruda, e a namorada, Patrícia, uma morena interesseira que havia conhecido numa noite quando estava recém chegado do exterior e por quem seu único interesse era o bom sexo que ela lhe proporcionava.

– E é por isso que eu me interesso tanto por aquelas terras – ele dizia aos convidados. – Não quero nada de gado, nada de capim, nada de plantação de merda nenhuma. O tesouro é o que me interessa.

– Mas como você tem tanta certeza de que esse "Tesouro dos Jesuítas" estão nas terras dessa fazenda se você nunca nem mesmo foi lá? – argumentou Patrícia, num súbito, e por isso mesmo breve, momento de sábia reflexão; não obstante seus olhos brilhassem ao simplesmente ouvir a palavra “tesouro”.

– Eu tenho certeza. De acordo com esse material que eu pesquisei, os jesuítas tomavam conta dessa região, de São Paulo, catequizando os índios. Com a ameaça dos bandeirantes, que em busca do seu "Eldorado" destruíam tudo e matavam todos, os sobreviventes enterraram todos os seus pertences de ouro e pedras preciosas antes de serem mortos ou dispersados para o interior.

– E como pode ter tanta certeza de que essas terras são as da fazenda do seu filho? – quis saber Marcelo, mas também tendo na cabeça, apesar do aparente ceticismo, um único pensamento: o tesouro.

– Porque eu sei. Eu vi fotos dessa fazenda e são muito parecidas com essas gravuras que encontrei nesses livros.

Ele se referia a livros antigos, que por ventura gostava de ler e saber sobre seus antepassados ibéricos que vieram tentar a sorte no novo mundo. Eram os livros, em sua maioria, relatos de exploradores, os bandeirantes, sobre as terras que desbravavam nesse continente em busca de ouro e glória – algo com que Kevin se identificava muito.

– Mas não pode sequer aproximar-se daquela fazenda se não tiver a custódia do menino – lembrou-lhe Patrícia. – E com esse Leonardo no seu pé, vai ser difícil.

Kevin chegou a se impressionar com a aparente perspicácia da mulher. Talvez ela fosse algo a mais do que uma menina mimada em busca de aventuras. Talvez. Ele sorriu para ela e disse:

– É por isso que ele tem que sair de circulação.

Leonardo Breves estava com sua vida atribulada, situação aliás que se complicou ainda mais aquele mês após a morte de sua irmã e sócia e a inesperada chegada de Kevin Lenitz. Apesar disso, ele tinha uma agência de propaganda em ascensão para dirigir e precisava se dedicar um pouco mais a ela. Por isso saiu mais tarde aquela segunda-feira, por volta das oito e meia da noite. Na verdade ele precisaria até ficar mais, para tentar concluir um *briefing* a ser apresentado ainda aquela semana a um de seus mais prósperos clientes, mas estava mesmo cansado e havia prometido não chegar tarde em casa para poder passar mais tempo ao lado de Carla e Patrick.

Após se despedir de seu diretor de arte, a única pessoa com quem ficara na agência até aquela hora, além do vigia noturno, ele foi dirigindo-se um tanto apressado para seu carro parado logo em frente, mas do outro lado da quieta rua de mão única no Leblon.

Foi quando, praticamente do nada, como se surgisse de repente, vindo de outra dimensão, um carro branco de médio porte avançou sobre ele, cantando os pneus. Seus reflexos agiram bem e ele pulou por cima de seu carro, rolando em seguida por sobre a calçada e apenas batendo o ombro na queda.

O carro branco fugiu em disparada, quase provocando um acidente no cruzamento adiante, enquanto que Leonardo era acudido por seu colega de trabalho e pelo vigia, além de ser cercado por meia dúzia de curiosos.

Garotos não choram